

Eleições Tarcísio de Freitas e Fernando Haddad se escoraram em Bolsonaro e Lula ao longo da campanha

Disputa em São Paulo nacionalizou-se



André Guilherme Vieira,
Érica Polo e César Felício
De São Paulo

O tom nacionalizado marcou o segundo turno da eleição para governador de São Paulo desde o início. Tanto Tarcísio de Freitas (Republicanos), ex-ministro do presidente Jair Bolsonaro, como o ex-prefeito paulistano Fernando Haddad, que foi ministro do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), estruturaram suas campanhas a partir de seus padrões políticos.

Tarcísio e Haddad estão em situação de empate técnico na última pesquisa Ipec, com 46% para o candidato de Bolsonaro e 43% para o de Lula, mas este resultado não reflete o que foi a campanha. O petista liderou a

corrida desde o início do ano. Tarcísio acabou surpreendendo ao chegar ao segundo turno à frente do adversário petista com 9,8 milhões de votos (42,3%), ante os 8,3 milhões (35,7%) recebidos por Haddad.

Tarcísio tentou administrar a vantagem sobre Haddad com a decisão de não participar mais de debates promovidos pelas emissoras de televisão, com exceção do último antes da eleição de 30 de outubro, realizado ontem pela TV Globo.

Durante a campanha de segundo turno, Haddad criticou a agenda de privatização prometida por Tarcísio, principalmente no que diz respeito à Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) e ao Porto de Santos. Tarcísio chegou a usar a maior parte de sua propaganda eleitoral na TV no dia 26 para defender a ideia de privatização da companhia, apontando que poderá vender a

empresa "se a tarifa baixar".

A campanha foi marcada pelo incidente do dia 17 de outubro, quando uma agenda de Tarcísio em Paraisópolis, zona sul da capital, foi interrompida por um tiroteio entre seguranças do candidato, policiais militares e homens armados em motos, segundo a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo. O episódio terminou com um dos suspeitos morto.

O ex-ministro e jornalistas que acompanhavam o evento tiveram de ficar abaixados no terceiro andar do edifício que abriga a entidade. Em seguida, Tarcísio deixou o local acompanhado de seguranças, embarcou em uma van blindada e afirmou mais tarde, nas redes sociais, que foi "atacado por criminosos". O episódio foi explorado pela campanha de Bolsonaro. A temperatura subiu a partir de terça-feira (25), quando uma reportagem da "Folha de S. Paulo" trouxe à tona um áudio atribuído à campanha de Tarcísio

e que passou a ser usado por Haddad como munição contra o adversário nas redes sociais. Na gravação, um integrante da equipe de Tarcísio pediu que um cinegrafista da Jovem Pan apagasse as imagens do tiroteio.

Tarcísio está em situação de superioridade no interior do Estado, quadro que deve se acentuar no resultado do segundo turno, depois que o governador Rodrigo Garcia (PSDB), que ficou em terceiro lugar no primeiro turno, anunciou adesão a Bolsonaro e ao candidato do presidente na rodada decisiva. Tarcísio ainda recebeu o apoio de todos os partidos que estavam com Garcia no primeiro turno, inclusive o Cidadania, que no plano nacional anunciou apoio a Lula.

O apoio de Garcia aos candidatos de direita foi anunciado ainda na primeira semana da campanha do segundo turno, mas o tucano demorou a promover atos conjuntos com Bol-

sonaro e Tarcísio.

A adesão foi acompanhada por prefeitos tucanos como Orlando Morando (São Bernardo do Campo) e Duarte Nogueira (Ribeirão Preto). Mesmo a ala mais tradicional do PSDB, que declarou apoio a Lula, não se engajou na campanha de Haddad. O senador José Serra, por exemplo, deixou explícito em redes sociais que daria seu voto ao petista para a Presidência e ao candidato do Republicanos ao governo estadual.

Haddad fez uma aposta táctica no primeiro turno de procurar polarizar o debate com Garcia, preservando Tarcísio. Segundo a campanha do petista, a ideia era travar o segundo turno contra o tucano, mas o saldo foi que o governador perdeu impulso na disputa local.

O petista passou meses negociando uma aliança com o PSB do ex-governador Márcio França, mas a coligação não trouxe para Haddad as bases no interior que seu aliado detinha.

A força maior de Haddad está na região metropolitana de São Paulo, em que o candidato petista prevaleceu sobre Tarcísio, reproduzindo o cenário da disputa presidencial, em que Lula teve uma votação bem acima da média histórica do eleitorado paulista.

O petista, contudo, não recebeu aval do prefeito da capital, Ricardo Nunes (MDB), que anunciou apoio a Tarcísio, movido pela estratégia em relação à eleição municipal de 2024. Haddad já se comprometeu a apoiar Guilherme Boulos (Pso) na eleição que irá ocorrer dentro de dois anos, o que prejudica uma candidatura à reeleição de Nunes.

Haddad também não conseguiu o apoio do União Brasil, com quem chegou a abrir negociações. O partido de Luciano Bivar declarou apoio a Tarcísio na primeira semana do segundo turno. Ele só recebeu o apoio formal do PDT e do Solidariedade na rodada decisiva da eleição.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Política Caderno: A Pagina: 16